

AS PAIXÕES HUMANAS NO CONSTRUCTO DO ESTADO DE NATUREZA E DO ESTADO CIVIL NA FILOSOFIA POLÍTICA DE THOMAS HOBBS

AUTORES: Francisco Fábio Barros Parente¹; Professor Dr. Rômulo Diniz²; Professora Dra. Rita Helena Souza Ferreira Gomes³

Mestrado de Filosofia, MAF, UVA; E-mail: barrosparente@bol.com.br, Professores Orientadores Dr. Francisco Rômulo Alves Diniz, MAF, UVA. E-mail romulodiniz40@gmail.com, Dra. Rita Helena Sousa Ferreira Gomes, UFC/Sobral. E-mail ritahelenagomes@ufc.br

RESUMO:

As paixões humanas constituem uma das motivações para a justificação do estado de natureza e do Estado civil. O objetivo do trabalho é demonstrar a responsabilidade das paixões humanas no constructo do estado de natureza e do Estado civil. A metodologia utilizada constitui-se na análise bibliográfica das principais obras de Thomas Hobbes na construção de sua filosofia política que traz de forma bastante contundente o aspecto das paixões humanas como uma das dimensões do contratualismo do autor. O resultado dessa análise bibliográfica é que as paixões humanas, e em particular o egoísmo, são uma das dimensões fundamentais para a estruturação do estado de natureza e do Estado civil hobbesianos. Portanto, torna-se necessário que essas paixões e o egoísmo sejam limitadas a partir do contrato social confabulado entre os homens. Conclui-se, dessa forma, que o egoísmo e as paixões humanas, são um dos principais articuladores destes momentos do contratualismo hobbesiano.

Palavras-chave: Paixões humanas; Egoísmo; Estado de natureza; Estado civil

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

As paixões humanas em Hobbes são uma das motivações tanto para determinar o estado de guerra constante entre os homens, como pela arquitetura e o planejamento do Estado civil, pois, o medo de morte violenta, por exemplo, exprime, como paixão, a aversão pela dor física do homem que o faz, através da razão, concatenar ações que impossibilitem este sofrimento.

¹ Mestrando em Filosofia Universidade Vale do Acaraú.

² Professor Doutor da Universidade Vale do Acaraú.

³ Professora Doutora da Universidade Federal do Ceará-Sobral.

Portanto, como objetivo do trabalho em foco, procura-se demonstrar que são as paixões humanas e egoísmo—porém, não somente, mas também a razão humana tem peculiar influência sobre e, principalmente, no que concerne à formalização do contrato social—, as principais motivações para que o homem determine o estado de guerra de todos contra todos no estado de natureza, mas também são essas mesmas paixões humanas e egoísmo, somadas à razão humana, que possibilitam a ascensão do Estado civil. No entanto, no presente trabalho, busca-se estabelecer apenas a relação do egoísmo e das paixões humanas no influxo do estabelecimento do estado natural humano e no constructo do Estado civil em Hobbes.

No estado de natureza hobbesiano tem-se uma luta incessante dos seres humanos em busca de sua autopreservação (*lex naturale*), portanto, as paixões humanas se põem como essenciais para essa finalidade, embora se observe que estas também assumam importante papel no que concerne ao estado de beligerância mútua entre os homens, pois, no momento em que, por exemplo, o desejo por um pedaço de terra onde se observa a capacidade de sustento para si e seus companheiros (caso este homem participe de um pequeno grupamento humano), será motivo de esperança de autopreservação mesmo que outro homem ou grupo humano já esteja a se beneficiar deste solo (HOBBS, 2014. P. 110-111).

Neste momento, portanto, surge a possibilidade de embate, já que as necessidades de dois grupos se encontram com o mesmo fim: obter para si a terra propícia à preservação de si e do grupo. Aqui não se está a falar que o estado de natureza hobbesiano é um ambiente de guerra eterno, mas deve ser entendido como o momento em que a possibilidade de guerra pelas necessidades de sobrevivência ou mesmo por satisfação pessoal, é uma constante e as paixões humanas operam de forma incessante para que tanto o estado de natureza se mantenha, mas também são uma forma de incentivo para que este acabe (HOBBS, 2014, p. 108).

Em que pese o exemplo acima, caracteriza-se também o egoísmo humano como força motriz para a fomentação do estado de natureza e posterior surgimento do Estado civil, pois, como egoísmo, Hobbes entende a busca por honra pessoal ou proveito próprio, já que o homem hobbesiano não se aproxima de outro homem por mero deleite, mas por ter em mente a sua satisfação pessoal em obter honras ou outra forma de benefício. Assim, a segurança mútua, por exemplo, é buscada e estruturada em prol de um benefício próprio, autopreservação (HOBBS, 2002, p. 28).

Dessa forma, medo e esperança são paixões que se interconectam de forma contínua no estado de natureza hobbesiano (não só essas paixões como muitas outras), pois, o medo de que o próximo possa ferir um ao outro ou matar um ao outro, coloca-os em progressivo estado de vigília. A esperança, por sua vez, de que com a domesticação da liberdade natural humana

pelo poder do Estado civil legitimado no contrato social aconteça, trará o conforto de uma vida sem o medo da morte violenta onde a produção pelo trabalho do homem é compensada ou a construção das inovações tecnológicas sejam alcançadas, por exemplo, pois, tudo isso, somente será conquistado quando o momento de paz social se estabelece a partir da formação do Estado civil (HOBBS, 2014, p. 110).

MATERIAL E MÉTODOS

O método utilizado neste trabalho foi a produção textual a partir da análise bibliográfica das obras “Leviatã”, “Do Cidadão”, “Elementos da Lei Natural e Política” (Hobbes). Desse modo, observou-se a perspectiva da vida dos seres humanos no estado natural a partir das acepções das paixões humanas muito bem apresentadas no Leviatã em seu capítulo VI, bem como a análise do capítulo XIII da mesma obra onde Hobbes discute a condição natural do homem. Na obra “Do Cidadão”, toma-se como ponto de referência o capítulo I da parte I, onde Hobbes discute sobre a condição do homem no estado natural, ou seja, fora da sociedade civil. Em “Os Elementos da Lei Natural e Política”, encontra-se, no capítulo XIV, a construção de Hobbes sobre o estado de natureza e como as paixões humanas respondem pela guerra de todos contra todos, pois, foi observado que a determinação do direito natural de salvaguardar a própria vida e o sofrimento da dor física contra agressões de outros homens, são a base lógica para que o homem se constitua em constante estado de beligerância em sua natureza.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estado de natureza hobbesiano é um ambiente em que os seres humanos vivem em isolamento se alimentando do medo constante da possibilidade de agressão à sua integridade física e até mesmo de morte violenta. Isto implica em um estado de total e incessante vigilância porque o outro poderá lhe ferir ou matar a qualquer momento. A vida do outro, no estado de natureza, vale pouco e os homens são tomados pelo temor de serem dominados pelo mais forte em força ou perspicácia (HOBBS, 2002, p. 33).

A igualdade no estado de natureza de todos os homens, faz com que o ataque, antes mesmo de ser atacado, seja a melhor defesa, com isso, esperar que o outro não agrida primeiro, viola o direito natural de autopreservação, assim, melhor atacar primeiro e defender sua integridade física e vida do que, desconhecendo as intenções do próximo, confiar nelas (HOBBS, 2014, p. 107).

O ser humano hobbesiano no estado de natureza é determinado por suas paixões e egoísmo, porque, tanto estes como aquelas, podem estabelecer mecanismos humanos de autopreservação contra os possíveis ataques de outros homens e, também, pode-se verificar que são responsáveis por formatar o estado de natureza. Ora, a construção da natureza humana se dá por meio de suas paixões e pelo egoísmo, porém, não só por isso, podendo-se apontar também a razão humana, pois o homem é um ser complexo por excelência. Por exemplo, sem o egoísmo e suas paixões, o homem, em sua natureza, não teria como se defender dos ataques dos outros homens; sem o egoísmo e as paixões humanas, esse homem não poderia propiciar sua autopreservação para adquirir o sustento de si; sem o egoísmo e as paixões humanas o próprio estado de natureza não existiria, pois, é condição *sine qua non* para a formação do estado de guerra de todos contra todos (HOBBS, 2014, p. 113).

Pensando dessa forma, entende-se que a própria constituição e articulação da sociedade civil se dá pelo domínio das paixões humanas, principalmente pelo egoísmo, pois, somente assim, é que se tem a ascensão do Estado civil e se constrói uma vida de paz e segurança onde a morte seria natural e não de forma tão estúpida quanto se faz no estado de natureza. Portanto, as paixões humanas e o egoísmo são responsáveis pela fundamentação do estado de guerra de todos contra todos, mas, é através do domínio destes que se dá a formação da sociedade civil e constituição do Estado civil a fim de organizar e conformar essas mesmas paixões humanas e egoísmo estabelecendo, portanto, a paz, a harmonia social, a segurança, o viver em grupo alicerçado pelo pleno direito de uma vida boa.

É pela esperança em uma vida plena de segurança, paz e desenvolvimento social que os homens se deixam dominar pelo poder do soberano. Essa busca não se estabelece pela simples conclusão do bem comum, mas, e tão só, pelo controle das paixões humanas e do egoísmo alimentado nos homens em se auto proteger, pois, o homem, como o próprio autor afirma, não busca a associação a outros homens por simples prazer, mas, sim, para receber honra dessa associação ou outro tipo de proveito (HOBBS, 2002, p. 26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão que se chega é que as paixões humanas e o egoísmo são importantes, e mesmo cruciais, para a formação do Estado civil, mas também assumem papel fundamental no constructo do estado de natureza, já que impulsionam o estado de guerra de todos contra todos. Todavia, é também o fio condutor causal da autopreservação humana, pois, sem as paixões humanas e o egoísmo, não se fundará essa auto proteção humana. O homem hobbesiano, no

estado de natureza, busca sempre a satisfação constante de seus interesses, porém, como se observa, a fomentação do Estado civil se dá pela esperança em dias de paz e segurança consolidados pela vontade em constituir um estado em que o homem possa viver sem o medo da morte.

O egoísmo de todos os homens, e as paixões humanas, tanto gravam sua assinatura no estado de natureza como na formação da sociedade civil. O homem, ser dotado de paixões, como bem descreve Hobbes, arregimenta, através delas, as suas várias capacidades físicas e cognitivas a fim de promover a sua autopreservação. Nunca o homem quer o bem comum de forma única e inequívoca, prova-se, com o estudo em análise, que o todo e as partes em que se desenvolvem tanto o desenrolar do estado de natureza e o Estado civil, se perfaz por causa do egoísmo, pela busca de honra ou proveito próprio, e das demais paixões do homem hobbesiano.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA pela oportunidade de estar cursando o Mestrado de Filosofia-MAF onde tenho como orientador o professor Rômulo Diniz o qual nutro admiração profunda. Agradeço, também, e com profunda admiração pelo saber e simplicidade de viver, à professora Rita Gomes da Universidade Federal do Ceará-Sobral que me acolheu de forma tão prestativa e sem exigências a fim de me conduzir no caminhar acadêmico, pois esta exerce uma importante função em me orientar como especialista no assunto de minha dissertação de mestrado; estabelece um vínculo fundamental em minha formação acadêmica, portanto. Acrescento que, sem os dois não estaria caminhando tão bem como me fazem traçar as diretrizes por eles determinadas.

REFERÊNCIAS

HOBBS, Thomas. **Os Elementos da Lei Natural e Política**. Tradução: Bruno Simões. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HOBBS, Thomas. **Do Cidadão**. Tradução, apresentação e notas: Renato Janine Ribeiro. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Tradução: Regina D'Angina. São Paulo: Martins Claret, 2014.

